

## Fragmentos XXXVII



Por **AIRTON PASCHOA\***

### *Três peças curtas*

Gente que labutava de sol a sol, que escondia as mãos, a voz, gente calada e calejada. Gemia por ela em dia santo a moda de viola no rádio. Gente velha, velhos maduros, velhos marmanjos, velhos mirins a caminho da sina, as mulheres a caminho da missa, os jovens a caminho da pelada, os homens a caminho do pito. Avós, mães, tias, primas, sem pressa o casarão varavam, velando, o rosto, o passo, o passado. Minha avó, miúda e muda, deitava e levantava de madrugada, era a primeira a abrir e a última a fechar os olhos. Depois que faleceu o marido e caiu de cama, rogou aos filhos a deixassem morrer, estava cansada. Não sei se estranharam o apelo. Morreu, pelo menos. De longe em longe, batendo o suspiro, talvez escapava com o pensamento de amargar o riso ralo, não sei, quem sabe. Os caipiras eram caipiras.

Pés de boi a vida toda, vida de Interior, vida puxada de erres e ermos, da soidão de pastos, de léguas, de línguas além de nosso alcance; decerto contraídos de cãs e cãibras desfeito este, com filhos, netos, nesta quadra em que pouco conta diferença de dez, quinze anos. Roque não era o morgado, tampouco o benjamim, ficava ali pelo meio, regulando de idade com meus irmãos primogênitos. Sua feição mesma, ora forçando a memória, mal se fixa, a brincar de esconde com os demais. A ordem que me botou em seu lugar pra brigar com o vizinho, pivete, terá mesmo descido dele? Penso talvez não passem todos de roques, não passe de finta, passe do tempo, o redeslembrado, por cuja existência devera jurar, não tivesse sido o primo a desgarrar — do campinho, da pequena cidade, da família grande, da paróquia próxima, do pelo-sinal. Os dedos em cruz selando lábios se agarraram em capas e canetas, selando o desenlace.

Bem lembrado: promotor e juiz, O Primo finalizou a luta por falta de combatividade.

caipira de bebericar café com tudo  
bolinho de chuva de arroz de couve-flor do que for  
pé de mandioca que nada ranca do chão  
mandrião medrosão de se pelar  
lobisomem sombração saci  
sobiar de noite chama o saci  
alma penada então de cobrir a cabeça  
histórias que contava a vó de itararé  
histórias que o povo conta  
programa radiofônico de arrepiar a nuca menina  
o diabo me perseguindo em sonho até hoje  
continuo a desvirar chinelo  
(escondido)

# a terra é redonda

padre donizetti benzia o copo d'água ao pé do rádio  
seis horas ave maria  
tinha que dar um gole da água benta  
missa todo bendito domingo  
mãe carola filho pistola  
pai bronco bronca sem fim  
não pula na cama desliga a tevê olha a água olha a luz olha a conta  
o velho implorando caipirinha no leito de morte e negando os  
filhos arrenegados  
ninguém é imperfeito  
a beata de chinelo ao alto  
pronto pra esquentar o traseiro da prole  
atalhava o peão de trecho  
dia santo socorria a estação remanso  
lá vai a chalana bem longe se vai  
aumentando uma dor que não entendia  
sumindo na curva do rio

banzo capiau  
devaneio de aldeia adulto  
síndrome da inocência perdida  
caipirinhas de chita em tranças & danças  
cantigas de cerrar os olhos e rodar  
mundo passado mundo parado  
a noite eletrificada mal alumia  
não se ouve pio de coruja  
não se vê voo de sabedoria  
damos boa-noite sem fé  
outrora se pedia bênção  
também sem fé  
mas se dormia

\***Airton Paschoa** é escritor. Autor, entre outros livros, de *Peso de papel (e-galáxia)*. [<https://amzn.to/3XVdHE9>]

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**